

**Notas da Assembleia dos professores de Comunhão e Libertação
da Lombardia com Julián Carrón
Por videoconferência, 20 de novembro de 2020**

Francesco Barberis. Boa noite a todos e obrigado ao Julián por ter aceitado imediatamente o nosso convite. O que estamos vivendo – com a pandemia, as escolas fechadas, o ensino à distância, a impossibilidade de nos encontrarmos pessoalmente – é um tempo particular, cheio de desafios e de dificuldades, mas também de surpresas inesperadas. Sentimos como uma grande dádiva o fato de podermos estar aqui com você, Julián, porque a sua presença nos lembra que a paternidade é um ato presente, que nos é oferecido agora. É daqui que nasce toda a minha gratidão.

Francesca Zanelli. Nem sequer agora o Mistério nos impede a possibilidade de estar em relação com Ele, aliás, mais ainda, porque nos faz viver uma circunstância que nós não desejamos, que não procuramos, diante da qual somos levados a perguntar: o que é que ainda há de novo para descobrir no *lockdown*, no EAD? Cada um de nós, quando esteve disponível, conseguiu reconhecer, dentro da vida, fatos, pessoas e relações persuasivas para si e que nós, esta noite, queremos olhar e julgar com a ajuda do Julián. E queremos ajudar-nos a olhar também para todas as perguntas que surgiram, que a realidade deste início de ano suscitou em nós e nos jovens. Leio a ordem do dia: «Neste período, também à luz do Dia de Início de Ano que foi proposto a todo o Movimento e à luz do Dia de Início de Ano dos Colegiais, o que nos ajuda a viver no dia a dia, o que nos faz estar diante dos jovens? O que pode suscitar vida neles?»

Muitas vezes, em momentos como este, quando nos encontramos entre adultos para falar da experiência dos Colegiais, eu tenho alguma dificuldade porque me parece que não vem à tona qual é a proposta única e original de uma experiência como os Colegiais. Vou tentar me explicar melhor. Parece-me que muitas vezes contamos uns aos outros muitas coisas bonitas, mas que poderiam ter tranquilamente acontecido sem a experiência dos Colegiais, só por força do caminho que cada um, pessoalmente, faz em relação à sua vida e à sua vocação. Que fique claro, é fundamental que exista este caminho dentro da relação com o Movimento, mas a impressão que tenho é a de que nos detemos aqui e não entramos no concreto da proposta que um lugar como os Colegiais oferece. Tudo certo com o momento da aula, com o que acontece com um menino e não com outro, mas o que estou descobrindo é que a maior surpresa é dar-se conta, dentro das dificuldades, na luta de todos os dias, de que há rostos que inexplicavelmente voltam a ser aquela carne, aquele Deus encarnado de que também falava o Azurmendi; mas eu me perco sem um lugar que me ofereça a possibilidade de um trabalho e de uma companhia diante do que me acontece na vida. Sem um lugar assim, sem reconhecer e pôr diante de todos a verdade deste lugar – não a minha, mas a minha verdade em relação a este lugar –, eu não poderia fazer o que faço todos os dias quando vou à escola ou quando estou com os Colegiais; seria profundamente desleal quer para comigo, quer para com os jovens, porque só lhes proporia um afeto ou um consolo momentâneo. Por isso, queria pedir se você me ajuda um pouco a entender como podemos nos ajudar no partilhar e levar adiante juntos o caminho dos Colegiais. Obrigado.

Julián Carrón. Vamos deixar aberta a questão, e não porque eu não queira responder, mas porque é uma pergunta que me parece que diz respeito a todos. Como vivemos este momento juntos? Prefiro que vocês comecem a responder, vendo o que surge da experiência que fazemos, para que este encontro não seja uma “lição” minha, mas a partilha de uma experiência, porque o que ele disse me parece fundamental. Alguém tem alguma coisa a dizer?

Neste período obviamente difícil entre nós, principalmente entre os jovens dos Colegiais, estão acontecendo coisas bonitas. Vejo pontos de luz, de modo particular naqueles jovens que estão mais ligados a nós e entre si. Eu poderia fazer uma lista de fatos. No entanto, preciso de uma ajuda,

porque, a meu ver, o clima geral tem uma conotação diferente: vejo muito sofrimento à minha volta, em particular vejo muito aniquilamento. É fácilimo que se apaguem, particularmente por parte dos jovens – não só dos Colegiais, mas de modo geral nos meus alunos –; há muita solidão que leva a um fechamento grave de muitos (é uma falta de abertura mesmo) e depois também a muito sofrimento. Estou pensando em muitas meninas que estão ficando anoréxicas, jovens que vivem em famílias destruídas ou nas graves dificuldades e lutos que estão deixando mal muitas pessoas que conheço. Diante de tudo isto, eu estou mal, sinceramente, ainda mais porque a impotência de tudo isso é como que centuplicada num momento assim. Não posso dizer, com total lealdade, que me sinto abandonada ou que alguma vez me senti abandonada na minha vida, nem nos momentos de maior dificuldade, nem quando estava sozinha, porque havia sempre uma relação. Também em relação ao que dizia a pessoa que acabou de falar, dou-me conta de que é realmente vital ter um lugar que faça uma proposta, e parece-me que hoje é difícil, não tanto para mim que tenho a sorte de estar num contexto como este, mas para tantas pessoas que conheço e que é difícil alcançar. Por isso queria pedir uma ajuda.

Carrón. Quando você fala de pessoas que conhece, a quem se refere? Aos colegas, aos jovens, ao contexto educacional em geral? Pergunto simplesmente para entender.

Penso sobretudo nos muitos jovens que conheço. Agora só estão contactáveis pelos meios tecnológicos, que graças a Deus existem, mas que não me parecem suficientes, pois basta desligar o telefone durante algum tempo, não comparecer na aula, que acabam por fazer mal a si mesmos. Por isso lamento muito e não sei como agir.

Carrón. Outros?

A propósito dos fatos sobre os quais você perguntou, tem me impressionado muito a Escola de Comunidade sobre o ponto do «antes não via e agora vejo» e sobre o fato de que entre esse antes e esse depois há um fato. Pensando também no que disse a primeira intervenção, o que tem me ajudado muito é tomar iniciativas com os outros adultos que acompanham os Colegiais, estar com eles, contar o que me acontece e perguntar o que lhes está acontecendo nas suas Escolas de Comunidade de jovens. Queria dar um exemplo do que acontece quando nos damos conta desses fatos – que não são apenas coisas bonitas – que nos mudam, que mudam justamente aquilo que somos. Um rapaz, na Escola de Comunidade dos Colegiais que acompanho, disse que quando ouviu o Azurmendi falar das escolas do Movimento na Espanha – onde se via que a preocupação dos professores não era ensinar, mas educar, e que esse educar queria dizer amar –, sentiu um choque, porque ele foi a uma escola do Movimento e não se sentiu amado, sentiu que foi muito mal tratado, e foi para uma escola pública para fazer os últimos anos do ensino médio. Depois de ter ouvido o Azurmendi, teve de ficar de quarentena durante duas semanas sem ir à escola, e quis ver o que dizia o Movimento sobre a educação, por isso foi ler o Educar é um risco porque o seu pai o tinha em casa, e também porque tinha visto os professores da escola do Movimento lerem muito esse livro. Em suma, estava um tanto curioso. Leu o livro e disse que fez uma descoberta: «O ponto é que eu pensava que ser amado queria dizer fazer aquilo que me agrada, mas Dom Giussani diz que educar é introduzir à realidade. Aquela escola me ensinou a amar o conhecimento, não no sentido das diversas matérias, mas no sentido da realidade, por isso é verdade o que diz o Azurmendi; e isto me faz ser grato pela escola aonde fui e onde cresci, e é estranho que isto aconteça apenas poucos meses antes de terminar a escola. Agora me dou conta do que quer dizer amar». Isso me impressionou muito, porque foi exatamente ver um exemplo daquilo que dizia o Azurmendi: «Antes não via e agora vejo», um fato que mudou totalmente a sua história e lhe permitiu olhar de outra maneira para a sua história.

Carrón. Isso dá algum início de resposta?

Queria contar duas coisas, uma que aconteceu nas aulas e outra nos Colegiais. Há duas semanas vi um vídeo de um senhor de 81 anos, simpatiquíssimo, que, não podendo visitar sua mulher, doente no hospital havia um mês, foi para o pátio do hospital, sentou-se debaixo da janela da

mulher e tocou o seu acordeão, fez-lhe uma serenata de uma hora. Impressionou-me muito, e perguntei-me por quê: porque é alguém que consegue ser livre mesmo diante de tantas regras, não infringiu sequer uma delas, mas conseguiu o que queria, e depois por causa da fidelidade do amor, de modo que se entende bem o desejo de ir visitar uma mulher. Então pensei: amanhã vou propô-lo aos jovens que, evidentemente, têm enormes perguntas sobre como serem livres dentro das regras estando em casa. Apresentei-o numa turma em que uma aluna reage negativamente a qualquer coisa que eu faça. Ela o viu e no fim disse: «Prof, eu também quero isso!» E eu: «Perfeito! É exatamente este o ponto: o que vimos é desejável». Impressionou-me porque ela fez a mesma operação que eu fiz, ou seja, usou o coração para julgar aquele vídeo. Esta era a primeira coisa. Desde aquele momento, ela começou a ficar muito disponível para qualquer coisa, desde as correções do seu trabalho até aquilo que eu propunha. Então me vinha à cabeça a pergunta da ordem do dia de hoje: o que é que gera vida, também no fazer cultura, que afinal de contas é o que fazemos na escola? Quando nós chegamos, dentro do que fazemos, à comparação com o ponto inflamado que há em nós e, portanto, depois o oferecemos, permitimos que eles façam com muita facilidade uma comparação com o ponto inflamado que também existe neles. Em relação ao Raio, queria contar que no outro dia fiquei de boca aberta, porque lhes dei mostrei os últimos minutos do vídeo do Azurmendi; estavam lá também três jovens que não sabem nada da Igreja, do Movimento. Eu fazia perguntas do tipo: «Parece-lhes uma boa ideia, se veem alguma coisa de bom, se veem alguma coisa boa, alguém que faz alguma coisa surpreendente, correspondente, irem procurá-lo?» Eu estava à espera de reações complicadas, e em vez disso eles me disseram: «Prof, mas é claro! Que pergunta é essa? É óbvio». Todas as passagens que nós reconquistamos na Escola de Comunidade eram de fato, para eles, muito simples. Impressionou-me e pensei: «Hoje eles estão me devolvendo essas passagens». Para mim é muito surpreendente (e é uma experiência destas últimas semanas) que fazer o Raio com eles é como se eu reconquistasse o ponto do caminho para mim.

Não sei se respondo à pergunta sobre o “lugar” feita antes. Nestes dias estou realmente muito cheia de fatos, embora muito dolorosos. Tento contar brevemente dois deles. Na minha turma há uma garota que repetiu de ano e que eu ainda não vi, a não ser apenas por trinta segundos quando ligou a webcam porque eu propus fazer uma enquete. De fato, conectava-se como ouvinte e não lhe perguntávamos nada. Mas no outro dia, durante uma aula, não resisti e lhe perguntei alguma coisa, parecia-me absurdo não envolvê-la, por isso tentei fazer-lhe uma pergunta e ela entrou em crise total. Então lhe mandei um e-mail: «Desculpe se tentei chamá-la, mas tenho mesmo uma vontade louca de me envolver nesta aventura com você». Ela me respondeu agradecendo-me: «Eu não vejo a hora de sair desta situação». Tenho uma outra aluna que conheço há anos. Nestes dias, falou-me das dificuldades que vive na família, porque não se sente compreendida. Então fiz uma tentativa, escrevi aos pais agradecendo-lhes porque ela é mesmo fantástica e lhes contei algumas coisas pelas quais lhe sou muito grata; hoje me responderam agradecendo, dizendo que é um bem também para eles. Também eu, como a amiga que falou antes, vejo muitas situações dolorosas, mas cada vez menos tento fugir delas, é como se isso pusesse em cima de mim um ímpeto para encontrar esses jovens e esses pais. Isto é o que eu vejo. Por outro lado – e é aqui que está a minha pergunta –, impressiona-me que, por sua vez, falando com os jovens dos Colegiais, parece sempre que nunca acontece nada na realidade deles, parece sempre tudo morno e que não têm perguntas, ou no máximo que tudo é difícil, que a escola seja é uma chatice e não há nada. Eu sou continuamente ferida pela realidade, para o bem e para o mal, e no entanto tantas vezes, com os jovens dos Colegiais, com quem não existe uma familiaridade como com os meus alunos que vejo tantas e tantas horas, parece-me que tenho de reconquistar tudo a cada vez, como se no Raio voltássemos à estaca zero.

Carrón. E então como você dá conta?

Como eu dou conta... Estou fazendo um pouco como com os meus alunos: por um lado, não posso levar senão o que vivo, contar o que eu vivo e que me impressiona. Por exemplo, a uma garota que

mora perto da minha casa, hoje eu disse: «Fui fazer compras, estou praticamente na frente da sua casa, vai, desça rapidinho», e trocamos dois dedos de conversa; ou então tento ligar para eles. Tento oferecer-lhes o que acontece a mim.

Os meus jovens não estão de todo mortos; aliás, estão muito vivos e hoje jorraram as perguntas, como sempre.

Carrón. Os jovens da turma ou dos Colegiais? De quem você está falando?

Dos jovens dos Colegiais, mas muitas vezes coincidem com os meus alunos, quase todos. Tenho uma pergunta sobre o que aconteceu hoje no Raio: como se faz para não ficarmos no plano sentimental? Porque muitas vezes no Raio me parece sempre que muitos deles expressam um mal-estar: «Estou triste», «Tenho dificuldades». Como ajudá-los a fazer um trabalho sobre isto? É também um problema meu, por isso levanto a questão, porque muitas vezes é também a minha dificuldade.

Carrón. Estão vendo? Na minha opinião, isso é fundamental, porque a primeira dificuldade é nossa. De modo que no fim ficamos mal, como disse uma pessoa antes, percebendo toda a nossa impotência. Na Escola de Comunidade eu disse que a autoridade é o lugar onde a luta para afirmar e verificar que Cristo é a resposta às exigências do coração é mais límpida e mais simples; e esta luta se joga principalmente em nós, não nos outros. Por isso não podemos comunicar nada se não participarmos nesta luta; a vida, com efeito, não nos é poupada, e não é que nós, como tantas vezes pensamos, tiremos as respostas da cartola. Isso não é automático, e quem pensa que as tem, então que as tire cá para fora.

Portanto, paradoxalmente, esta situação é o primeiro dom para nós, porque nos ultrapassa por todos os lados. Quem de nós não é sentimental quando vê certas coisas? E quem é que não fica mal quando não se sente à vontade? Tudo o que vemos nos jovens diz respeito em primeiro lugar a todos nós. Por isso, se uma pessoa não verifica na própria pele o que realmente serve para viver, será difícil que tenha alguma coisa para oferecer aos jovens. E a primeira coisa a oferecer – independentemente do resultado e do tempo que será necessário – é o estarmos lá, como dizia Pasolini: «Se alguém [...] te tivesse educado, não poderia tê-lo feito senão com seu ser, não com seu dizer» (P.P. Pasolini, *Lettere luterane*, Turim: Einaudi, 1976, p. 44). Não se educa com discursos, educa-se com o estar, se o nosso estar diante deles oferece uma resposta, como dizia quem interveio primeiro: ainda que o outro não o perceba ainda, estamos oferecendo uma resposta. Como dizia a amiga que falou na Escola de Comunidade na passada quarta-feira: durante anos pensava que não estava fazendo nada pelo filho porque ele continuava arranjando problemas – como acontece também conosco: quem não arranja problemas que levante a mão! Quem não decai? Quem não participa do mesmo drama dos jovens? –. Foi por isso que eu disse que a verdadeira questão somos nós: entendo muito bem que, quando uma pessoa vê todo o aniquilamento de que você falou, esse apagar-se dos jovens, parece que todas as nossas tentativas são falíveis. Isso nos diz respeito, não podemos evitar fazer as contas: é impossível recomeçar depois de um dia muito difícil como se não tivéssemos visto aquele vazio e aquele aniquilamento. O ponto é se entre a última hora de aula de hoje, com tudo o que aconteceu, com todas as feridas que vimos, e amanhã de manhã acontece algo que volte a nos pôr nos trilhos, independentemente do sucesso ou não das nossas tentativas. Porque a verdadeira luta não se resolve tanto no ver o sucesso do que fazemos – isso acontecerá quando acontecer, não está nas nossas mãos – porque estamos interagindo com a liberdade de um outro, não com um mecanismo como se fosse algo que nós produzimos, automóveis ou eletrodomésticos; estamos dialogando com o coração de um outro e com a liberdade de um outro, assim como Deus está interagindo conosco e com a nossa liberdade. Então o que significa para nós ver que em tantos jovens parece que nunca acontece nada? Como é que isso nos desafia? É o que quer dizer, quando temos sucesso com eles, que Jesus nos diga – como disse aos discípulos –: «Não vos alegrais por isso, alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus»? Nem mesmo quando as coisas correm bem isso pode bastar para enfrentar o dia seguinte. Então, a primeira coisa que, na minha opinião, é útil fazer é reconhecer que os primeiros a serem desafiados por esta situação

somos nós. Por isso gosto tanto – e assim voltamos sempre ao ponto – daquilo que diz Dom Giussani e que escolhi como título do livrinho sobre a educação (J. Carrón, *Educação, Comunicação de si*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2020) porque sempre me impressionou, ou seja, que «a educação é uma comunicação de si» (L. Giussani, “Viterbo 1977”. In: Idem, *Educar é um risco*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, p. 134). Podemos conseguir explicar-nos mais ou menos, fazer mais ou menos iniciativas, mas a verdadeira questão é que tenhamos a proposta estampada no rosto, ou então não me interessa, entendem? Porque no livro que leu o rapaz de que falou a nossa amiga, Dom Giussani sublinha que a proposta está encarnada na autoridade do educador («A autoridade é a expressão concreta da hipótese de trabalho»; *Educar é um risco*, op. cit., p. 64); senão, do que é que estamos falando? A proposta fez-se carne e portanto é ali, nas circunstâncias, que tem de se tornar presente. Se enquanto enfrentamos a experiência educativa não se gera o meu eu, se não reconheço que o Mistério não me poupa o desafio para me gerar nesta circunstância, eu não posso fazer uma proposta aos jovens. A questão é se, numa situação como a que você descreveu, você pode voltar a dar aulas amanhã de manhã com a esperança estampada no rosto. Mas para levá-la estampada no rosto, é preciso primeiro vivê-la nas suas entranhas. Você não pode fazer um teatrinho na frente dos jovens, como uma boa atriz; a proposta deve jorrar do fundo do seu ser. Podemos fazer o teatrinho uma vez, duas vezes, podemos fingir e distraí-los, mas com o tempo isso não resiste. Ainda bem que não resiste! Ainda bem que não resiste, caso contrário ser professor ou educador queria dizer ser ator de teatro. Ainda bem que não resiste, caso contrário começaríamos a viver apenas no fim da aula (ou seja, depois de ter recitado um papel), não enquanto fazemos tudo; só começaríamos a viver, a crescer e a educar-nos quando termina o nosso trabalho na escola. E não é assim, você deve começar a viver enquanto está na escola, caso contrário 99,9% do tempo seria inútil. A circunstância não é um obstáculo a ultrapassar para poder começar a viver, mas é o caminho para viver, para aprender a viver. A vida é vocação, é caminhar para o destino através de circunstâncias que não são escolhidas por nós, graças a Deus. Se não fosse assim, não poderíamos compreender o alcance da proposta cristã, mesmo que repetíssemos continuamente o “verbo”, o discurso, a palavra certa, e acabaríamos no nada. Ainda bem que o “verbo” não basta. Digo-o sinceramente: ainda bem que o “verbo” não basta!

Francesco Barberis. Há uma pessoa cujo microfone infelizmente não funciona e então escreveu: «Quería contar que, diante das dificuldades do ensino à distância (eu ensino numa escola profissional), redescobri a riqueza da nossa história, porque convidei os meus colegas para o Ângelus da manhã e alguns acolheram o convite de começar assim o dia juntos; vem mudando até a nossa forma de nos olharmos e de nos fazermos companhia. Eu mesma entro nas aulas com o desejo de que os jovens que tenho à minha frente encontrem aquilo que me aconteceu e que vejo voltar a acontecer em alguns dos nossos jovens que estão seguindo de forma simples e incrível a nossa amizade; as suas vidas estão florescendo num tempo tão difícil. Assim, invento de tudo: verificações em grupo, aulas separadas, e me pego cheia de desejo e livre do resultado».

Principalmente as últimas coisas que você disse, Julián, me pareceram muito bonitas, porque muito descritivas, desde o professor ator de teatro, sempre muito hábil em resolver a questão, até o al paroliere. Surpreendeu-me...

Carrón. Sobretudo porque, fazendo isso, acabamos no nada mais nada, porque se nos bastasse isto podíamos poupar-nos de viver.

Comigo aconteceu uma coisa na verdade tão simples que é pouco mais do que banal, abaixo do nível da banalidade. Na última assembleia dos professores, a geral, na qual participei – como nos outros momentos – de forma não óbvia, mas bastante distante, não sei se o Pigi ou o Francesco disseram alguma coisa sobre você e sobre uma coisa que de alguma maneira você testemunhou sobre o tema das assembleias remotas. A essência do discurso era esta: o Carrón nem sequer considera isto uma questão. A assembleia acabou e em alguns aspectos não retive nada do que foi dito, mas nos dias seguintes – muitos, não eu sei sequer quantos – aquilo que tinham contado de

*“trabalhou” em mim, e me permitiu perceber que há meses a proposta do Movimento, as palavras sobre as quais nos dizíamos para fazer um trabalho ou os momentos de encontro eram essencialmente uma forma, e tudo o que acontecia na aula estava ligado à minha inspiração e à minha habilidade. O impacto daquelas palavras me intrigou, porque me dei conta de estar totalmente determinado por aquilo que considerava insuficiente: as análises, as avaliações, as considerações, muito verdadeiras, de que a escola on-line não é escola. Por isso a forma com que eu, de fato, ligava o vídeo e começava a dar aulas mais ou menos carinhosa, era determinada pelo pensamento de que, ainda assim, estamos numa situação infeliz. Exaltou-me aquilo a que se referiram sobre você e me permitiu nos dias seguintes que eu voltasse a me pôr em movimento, na pista. E assim, retomando entre as mãos O brilho dos olhos, muitas coisas que tinha lido de forma óbvia e com distração ganharam vida. A coisa que mais me exaltou foi quando, no capítulo sobre a relação com o Pai, comentando o trecho do Evangelho citado em A conveniência humana da fé: «Eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nenhum daqueles que ele me deu», você disse: «Que eu não perca nada! Jesus referia-se aos apóstolos, aos discípulos, mas pode expandir-se o sentido dessa frase. A vontade do Pai é que eu não perca nada do que Ele me deu: cada momento, cada circunstância de vida, cada provocação, cada coisa para fazer» (J. Carrón, *O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?*, Fraternidade de Comunhão e Libertação, 2020, p. 113-114). Se antes a forma de entrar na aula era determinada pelo pensamento de que tudo era inútil, com o tempo estas palavras começaram a tornar-se uma hipótese nova. Não aconteceram coisas extraordinárias, a não ser dar-me conta de que aconteciam e estão acontecendo coisas em que eu antes não reparava. É assim que se constrói, mesmo nestas circunstâncias.*

Carrón. Então, acontecem ou não acontecem?

Acontecem, acontecem.

Carrón. São apenas virtuais?

Não, não, acontecem, acontecem.

Carrón. Vocês participaram da Escola de Comunidade na quarta-feira passada? Eu não encontrei pessoalmente nenhum dos que falaram, mas os propus um atrás do outro devido ao choque que senti ao ler cada uma de suas contribuições ou ao ouvi-los no Zoom. Eu não estive com o Azurmendi depois de ter visto o seu vídeo (já tinha estado com ele em outras ocasiões), e propus a todos que o vissem no Dia de Início de Ano apenas devido ao efeito que tinha tido em mim. Dois dias antes da Escola de Comunidade eu tinha feito um encontro com as Famílias para Acolhida e fiz com que houvesse uma intervenção para todos vocês porque não consegui me levantar no dia seguinte sem me lembrar daquilo e sem o contar a quem encontrava. Do mesmo modo, fiz o padre Pino repetir aquilo que tinha dito na Diaconia da Fraternidade de algumas semanas atrás. E por aí afora, uma intervenção atrás da outra. Asseguro-lhe que foi exatamente assim. Não me interessa que errem – não me interpretem mal, não estou dando um sermão porque sou padre –, porque a questão é se nos deixamos corrigir tal como você se deixou corrigir pelo que acontece e como acontece. Quando, há quinze anos, começamos a fazer a Escola de Comunidade por vídeo, havia quem defendesse que esse não podia ser um formato adequado; agora todos a fazem assim, até aqueles que criticavam aquela escolha. Insisto que não me interessa o formato, porque encontramos o cristianismo debaixo de uma árvore, perto de um poço, na estrada, no templo, num banquinho ou num barco de pesca. Vamos acabar com a redução do cristianismo ao “templo” tal como o imaginamos! O nome, a forma do templo podem mudar, a forma de determinados gestos, que antes eram feitos de uma determinada maneira, podem mudar. Fixarmo-nos rigidamente numa determinada forma não é cristianismo! Porque desde o dia da Encarnação que o templo – a forma da presença de Deus – coincide não com alguma coisa, mas com Alguém, com a própria pessoa de Jesus, com o Seu corpo ressuscitado: «Destruí este santuário, e eu o levantarei em três dias». Isto talvez já o soubéssemos das aulas de religião e do catecismo, se nos ficou alguma coisa na memória, mas só começamos a entender a natureza do cristianismo se entrar nas nossas entranhas, e então nos libertamos de todas as nossas preocupações em relação a determinadas formas estabelecidas, começando a gozar a

forma como o Mistério continua a fazer acontecer o cristianismo de modo absolutamente imprevisto. Entendo muito bem o problema, porque eu fui o primeiro a ter de aprendê-lo. Como sempre lhes contei, tive de fazer este caminho porque vivia em Madri, Giussani estava aqui em Milão e eu o via uma vez por ano, de longe. Eu gostaria de ter tido todos os meios de conexão que agora temos à nossa disposição, a internet e todos os textos ao mesmo tempo, tudo, tudo, tudo. Temos tudo, mas falta-nos tudo, como foi dito na quarta-feira na Escola de Comunidade. É um pouco uma questão “à Van Thuan”, o ponto é a geração de um Van Thuan em cada um de nós: qualquer que seja a circunstância, ainda que lhe substituíssem constantemente os guardas, quem entra em relação com ele muda. Ponto final. Muito diferente do que viver no virtual ou no mundo das ideias! Nós continuamos fazendo observações que até são justas, mas são abstratas, porque não partem dos fatos. Você, pelo contrário, assim que começou a olhar para os fatos que aconteciam, se libertou da ideologia abstrata que tinha na cabeça, como o Azurmendi. Todos a temos na cabeça, não é preciso escandalizar-se com isso. O Azurmendi estava cheio de ideologia, assim como eu estava antes de encontrar o Movimento. Portanto, não tenho nenhum problema em reconhecer isso, disse-o desde o início, assim que cheguei à Itália: o que salvou a minha vida foi ter aceitado aprender aquilo que achava já saber. Por isso não quero fazer com que ninguém se irrite, simplesmente digo: é possível mudar. Não me interessa de quanto tempo precisamos para aprendê-lo, não quero aqui medir ninguém, não é isso que me interessa. Digo-o para cada um de nós: se uma pessoa estiver disponível, com o tempo começa a fazer a experiência que você está fazendo, de modo que a realidade começa a falar com você, e o que antes era só forma torna-se forma e substância, porque não há substância sem forma. Antes tinha diante de você uma determinada forma e não te tocava, por que é que de repente te toca? Talvez porque tenha deixado de ser virtual a forma de encontrar as pessoas? É virtual como antes, mas a questão é se nós estamos diante do que acontece quando nos vemos neste formato à distância. Não é que agora possam acontecer menos coisas do que se estivéssemos todos presentes – caso contrário seria melhor desligar o vídeo e irmos todos dormir –, isso não é verdade e por isso aceito este modo de nos encontrarmos, senão porque iria fazer com que vocês e eu perdêssemos tempo? Isto, porém, não significa que presencialmente ou não presencialmente seja tudo igual; com efeito, diziam no início que a distância fez explodir alguma coisa que já existia e que isso fazia vocês sofrerem ainda mais. Agora tudo se amplificou, por isso é como se fosse ainda mais urgente a memória de Cristo, senão não sei como é que uma pessoa dar conta, como é que pode voltar às aulas com a esperança estampada no rosto depois de um dia do qual saiu acabada, ferida. Não dá conta, com certeza, devido a uma ginástica mental.

Estou muito grato por este ano, por estas circunstâncias, porque são para mim uma ocasião de verificação daquilo que você nos disse no Meeting, ou seja, que uma pessoa pode entrar na aula ou com medo, ou com uma esperança. Na primeira hora de aula deste ano a diretora se conectou com todos os jovens e, numa mensagem de vídeo, exortou-os dizendo precisamente: «Recomeçamos, e o que é que nos caracteriza a todos? O medo do que está para começar». Este ano verifico que, com os jovens, não tenho mais nada à disposição senão a hora de aula, porque logo desde o início que fazemos as aulas on-line...

Carrón. Esse é o único realismo.

Logo desde o início começamos a fazer as aulas à distância com metade dos alunos, por isso muitos daqueles das turmas novas que tenho só os vi uma vez ou outra; nos anos anteriores, os momentos mais bonitos foram sempre no intervalo junto da máquina do café, no bate-papo, mas este ano há apenas a aula.

Carrón. Fantástico! Viva a liberdade, amigos! Finalmente! Não darão conta fazendo uma cópia do que faziam antes.

A coisa que me impressionou foi que há algum tempo você continua dizendo-nos que a questão é olhar e ter disponibilidade para seguir o que vemos. Tendo apenas a hora de aula, a única possibilidade que tenho de estar com eles é a aula, e eles estão faltando às aulas...

Carrón. Se na aula não acontecer alguma coisa, por que teriam interesse em encontrar-se depois?

Uma garota pertence a uma família católica que não suporta as pessoas do Movimento. Durante uma conversa, a mãe, muito preocupada com um momento de crise que ela está vivendo, me disse: «Vocês não podem encontrá-la? Ela não pode conversar com você?» A garota me escreveu um e-mail: «Professor, eu estou impressionada com o que você diz nas aulas, está provocando em mim muitas perguntas, queria poder falar com você, podemos falar ao telefone?» Incomoda-me que estamos longe, com ligações virtuais, mas isso não tira em nada a possibilidade de nos encontrarmos.

Carrón. Agradeço por isso. Não é que só vocês vivem esta situação. De fato, quando fui ensinar numa escola da diocese de Madri e depois no seminário – não numa escola pública ou numa situação X complicada –, eu não podia fazer nada, nenhuma atividade, fora da aula, tendo todos os refletores apontados contra mim porque era de CL. Mas eu encarei isso como a minha grande oportunidade de vencer o dualismo, porque se não passava tudo através do momento da aula, o que quer que eu acrescentasse depois seria como um cabelo colocado na cabeça desde fora. Isso não significa que, quando se pode fazer alguma coisa, não se faça, atenção! Não digo que então não devemos fazer mais nada fora da aula. Digo apenas que é ali, na aula, que você encontra todos, também aqueles que nunca teria podido encontrar fora com as suas iniciativas extracurriculares. Como aquela garota: nunca teria vindo conversar com você se não estivesse na sua aula. E precisamente porque não o escolheu, encontra-se à sua frente e por isso tem de lidar com a sua presença irreduzível à sua ideologia anti-CL; e assim você pôde dar-lhe uma contribuição sem restringir a liberdade dela ou a da mãe dela. Isso significa que você não pode fazer nada de forma asséptica, ou seja, sem se apresentar enquanto pessoa. O professor asséptico, neutro, não existe senão na imaginação de alguns; você se apresenta como alguém que vive, todo o resto é uma abstração. Explicando qualquer matéria (não sei o que é que ensina), passa um olhar. É o que estudamos na Escola de Comunidade: o conhecimento é um olhar. Ora, ao ensinar você revela se o seu olhar nasce de uma coisa que te aconteceu ou das suas análises segundo determinados princípios, ou seja, de um universo abstrato em vez de um acontecimento. Aquilo que mudou o Azurmendi foi um programa na rádio: todo o resto não teria acontecido, nem se teria interessado pelo Movimento se não tivesse havido aquele primeiro choque. Se, em vez de continuar ouvindo na rádio aquela coisa que o impressionava, tivesse mudado de estação, tudo teria acabado ali! Não teria havido o Javier, o Macario e todos os outros; não teria acontecido nada daquilo que ele contou no vídeo e no livro. É como se João e André não tivessem estado ali naquela tarde. Ou o cego de nascença não tivesse estado na esquina da rua naquele dia. É assim! É o método de Deus que nos espanta. Como se você não tivesse olhado para aquela garota e para aquela mãe como olhou. Como quem faz um Batismo e se comporta como um funcionário em vez de fazer um encontro. Não é diferente: uma pessoa vai trabalhar, outro faz um Batismo, o outro faz um sermão, o outro é porteiro e outro ainda é prisioneiro como Van Thuan. Não há diferença. É como se isso nos reconduzisse ao núcleo. É isto o cristianismo: deparar com uma diferença que pode passar também pelo Zoom. E não é que se não houvesse Zoom passaria uma diferença mesmo assim; não passaria nada, ou seja, passaria o nada. Não digo isso para nos recriminar, mas para nos libertar. Dar-mos conta disto é mesmo uma libertação dos nossos esquematismos que nos desencorajariam. Se de manhã alguém pensa: «Agora não posso fazer nada, é impossível nesta situação», está já derrotado antes de entrar no Zoom, está derrotado antes de começar, com a cabeça paralisada. E traz isso estampado no rosto. Portanto, o que esta situação pode oferecer-nos para crescer? Não nos lamentemos! O Mistério poderia ter encontrado outra forma, poupando-nos do vírus. Mas não nos poupou dele. Isto é a coisa mais evidente, como dizia Giussani: as circunstâncias inevitáveis são as mais claras – por isso é inútil reclamarmos –, não fomos nós que as escolhemos; e tenho certeza de que ninguém teria escolhido este formato à distância para desenvolver a sua profissão e para ir ao encontro dos jovens.

Queria contar uma coisa muito simples que me fez entender melhor o que quer dizer que a educação é uma comunicação de si. Dou uma aula online, abro o Classroom e vejo que só seis de vinte e cinco tinham entregado o trabalho, bastante desanimador. Eu tinha cumprimentado os

alunos, mas vendo isso digo: «Rapaziada, entendo que neste momento talvez quisessem fazer outra coisa, ter as suas aulas de instrumento presencialmente, poder ir à escola; eu também queria fazer outra coisa, gostaria muito de ir para a escola de bicicleta». Entretanto vejo que todos tinham um ar meio deprimido, por isso disse: «Mas nós somos mais do que o ânimo com que acordamos».

Carrón. Perfeito!

E acrescentei: «Às vezes, porém, para nos darmos conta desse fato, ou seja, que nós somos mais do que isso, é preciso simplesmente aceitar a realidade tal como ela é, por isso a aula de instrumento on-line em vez da lição de física». Eles olhavam para mim, talvez até estivessem bastante contentes por eu estar dizendo isto, mas eu me dava conta de que não tinha tocado no ponto. Então a certa altura disse: «Rapaziada, eu não estou dizendo isso porque quero que façam a minha lição de física, não vão morrer sem isso, vão viver muito bem sem ela, mas digo isto porque a realidade nunca me traiu». Assim que disse esta frase, vi as caras deles mudarem. Agradeceram-me e demos a aula. Eu pensava comigo: «Depois disto, na próxima vez farão o trabalho», mas parei e disse a mim mesma: «Mas o que é que isso me interessa? Até podem não fazer o trabalho, mas isto aconteceu». Ao dizer: «A realidade nunca me traiu», de todas as vezes em que encarei a realidade tal como ela era, descobri alguma coisa de mim que me entusiasmou, descobri coisas grandes. Foi este dar testemunho que tocou o coração deles, o seu ponto inflamado, e mudou o seu olhar. Enquanto acontecia isto, dei-me conta da questão do testemunho e da comunicação de si.

Carrón. Pergunto: isso pode ficar no nível do sentimento?

Não.

Carrón. Perfeito!

Dei-me conta de que não era uma questão sentimental, não houve nada de sentimental naquele momento, nos jovens não provocou nenhuma reação sentimental.

Carrón. Mas a cara deles mudou.

A cara deles mudou. E ainda que na vez seguinte nem todos tivessem feito a lição, eu me dava conta de que esta comunicação de si é a educação, e paradoxalmente representa a possibilidade de que aos poucos façam a lição.

Carrón. Perfeito.

No entanto, é como se muitas vezes eu pensasse o contrário: não fazem a lição, então... Mas daquela vez disse comigo: não, não é assim, mas então o que é que houve antes? Por que razão não fazem a lição? Ainda que estejam a quilômetros de distância, você percebe tudo unido. Eu percebo que quando passo a lição com este «então...» dentro, para eles, pelo contrário, está muito distante. Então digo: se nunca me envolvo a este ponto com você, como é que posso esperar que você faça a lição? É claro que é a minha profissão, eu desejo que eles façam a lição e descubram a beleza que eu descobri, mas me dei conta de que mesmo que não tenham feito a lição, aquele fato tinha ainda assim acontecido e para eles será como para mim: é preciso que aconteça sabe-se lá quantos milhares de vezes para que me mude moralmente, não sei como dizer isto.

Carrón. Para que te mude moralmente. O Mistério plantou uma semente neles, quanto tempo será necessário para que essa semente floresça é o que veremos. Mas você – antes – descobriu que eles não estão reduzidos a um nível sentimental, e que quando se reduzem ao nível sentimental é porque não encontram ninguém que toque as fibras mais íntimas do ser deles. Os jovens não têm culpa disso, e nós talvez também não; acontecerá quando acontecer. O ponto é este: por que você lhes disse aquela frase, convicta de que tocava o ponto inflamado? Porque tinha sido verdadeira para você e por isso a disse com convicção, independentemente do que eles iriam fazer, porque era verdadeira mesmo sem eles a acolherem. Isto te tornava livre do resultado, do fato de que pudessem ou não fazer o trabalho, porque aquilo que você viu na cara deles é mais do que o que poderia medir no dia seguinte. Por quê? Porque não é uma medida que vai fazer a diferença, mas um acontecimento que depois precisa de todo o tempo necessário, um início que abraça toda a trajetória da certeza, como diz a Escola de Comunidade. E se aconteceu com os apóstolos, como diz repetidamente o Evangelho: «E acreditaram n'Ele», «E acreditaram n'Ele», «E acreditaram n'Ele», quantas vezes terá de acontecer para que ganhe corpo neles, tal como em você? Para você não se

desencorajar, basta que tenha consciência de si e olhe para eles com o mesmo olhar com que alguém te olhou quando você não conseguia, quando ia se queixar porque não conseguia e essa pessoa voltava a olhar para você como você olhou para eles. Tudo já aconteceu na mudança inicial, quando pronunciamos o mítico «Eureka!» Surgiu um conhecimento novo porque aconteceu alguma coisa, vemos isso pelas caras. E não aconteceu se não posso vê-lo nas caras. «Entenderam?», dizia eu aos meus alunos depois de uma aula. «Sim» respondiam. E eu: «Não, não entenderam, pela cara de vocês dá para ver que não entenderam». Quando uma pessoa entende, você precisa ver isso pela cara, como você viu nos seus alunos. Não é que depois você tenha de medir todas as vezes que não vê; não vamos voltar à velha rotina, queixando-nos!

Por isso o trabalho mais importante é esta maneira de responder à realidade, porque, como você disse, a realidade nunca nos trai; somos introduzidos constantemente a este trabalho pela realidade, qualquer que seja a realidade. Antes você usou uma palavra: envolvimento. Uma presença envolvida com o que diz, era assim que Dom Giussani falava da autoridade; não uma pessoa que fala da cátedra, longe, mas uma pessoa envolvida com o que diz. É uma oportunidade fantástica, amigos! Não acabei de lhes contar a minha experiência de ensino no seminário da Madri: podiam me proibir de falar com os meus alunos assim que estivesse um milímetro fora da sala de aula, mas não conseguiam impedir que no dia seguinte, no refeitório, se falasse da aula, porque ali todas as proibições acabavam! Não há nenhuma situação em que isto não possa acontecer. Não o digo para os outros, mas para nós, para não nos desencorajarmos antes de entrar na aula. Você olhou para os seus alunos dizendo a cada um deles: «Você é mais do que o seu ânimo». É esta a convicção de uma pessoa que tem consciência de si, que não se reduz ao seu próprio ânimo. E isso não é pouco. Obrigado. Bom prosseguimento.

Barberis. Queria muito cumprimentá-los. Encerremos com uma oração, para confiar a Nossa Senhora a riqueza que vivemos e a paternidade que mais uma vez experimentamos.

Memorare